

COORDENAÇÃO
Carlos Fortuna

EQUIPA EDITORIAL
Ana Serrano
Bernardo Fazendeiro
Cristela Bairrada
Maria Rita Martins

MIL FOLHAS

BOLETIM QUADRIMESTRAL

1 2 1 9 0

FACULDADE DE ECONOMIA
UNIVERSIDADE DE
COIMBRA



ABERTURA
**A IMPORTÂNCIA
DAS BIBLIOTECAS**

João Gouveia Monteiro .2

FUNDOS BIBLIOGRÁFICOS DA FEUC

**FUNDO
GAMA MENDES**

José Reis .3

DESTAQUE DE LEITURA
**EMERGING TOPICS
IN MANAGEMENT STUDIES**

Filipe Almeida .3

**UM VÍRUS
QUE NOS (RE)UNE**

Carlota Quintal .3

DEPOIMENTO
**O LUGAR DA LEITURA
NA FORMAÇÃO
UNIVERSITÁRIA ATUAL**

António Dias de Figueiredo .4-5

OUTRAS BIBLIOTECAS
**BIBLIOTECA DA ESCOLA
DE NEGÓCIOS
E GOVERNAÇÃO
DA UNIVERSIDADE
DE CABO VERDE**

Maria Salomé Miranda .6

VÁRIA
**À CONVERSA SOBRE /
BASES DE DADOS /
ESTANTE FEUC /
QUE BIBLIOTECA É ESTA**

.7

EM MOVIMENTO

.8

SUGESTÕES DE LEITURA

.8

A IMPORTÂNCIA DAS BIBLIOTECAS

João Gouveia Monteiro — Diretor da BGUC

Uma biblioteca é um salvo-conduto para a imaginação e para o conhecimento

Como o nosso Reitor gosta de dizer, não existe nenhuma grande universidade que não tenha uma grande biblioteca. A Universidade de Coimbra (U.C.) orgulha-se de possuir uma «casa da livraria» há mais de meio milénio.

Com a particularidade invulgar de esta biblioteca ter sido, desde cedo (desde sempre?), aberta ao público. Os Estatutos Pombalinos da Universidade de Coimbra (1772) reconheceram e acautelaram a importância da imprensa e do livro universitários, no âmbito de um projeto renovador que se pretendia exemplar à escala europeia. Nessa altura, já a U.C. tinha erguido a mais bela biblioteca barroca do Mundo: a «Joanina».

Desde então, o acervo bibliográfico e documental da U.C. não parou de crescer, reforçado pelo estatuto de «depósito legal» que conserva até aos dias de hoje. É difícil dizer ao certo quantos títulos tem a BGUC à sua guarda, mas são mais de um milhão e meio, dos quais cerca de 60 000 se encontram na biblioteca barroca, cujo arquiteto ainda se desconhece!

O que fazer com tanto livro? Uma biblioteca é uma janela aberta ao Mundo. Nela não se movimentam apenas livros, revistas e jornais, convidando leitores de todas as idades e formações a explorar o seu conteúdo com sentido prático.

Uma biblioteca é um salvo-conduto para a imaginação e para o conhecimento, que são dois fatores nucleares na construção da mente humana. Sim, porque a leitura dos jornais e da internet pode dar-nos a informação de que carecemos no dia-a-dia; mas o conhecimento profundo da vida e de nós próprios, as respostas às questões mais fraturantes da nossa existência, essas só nos livros as podemos encontrar.

A U.C. tem uma vasta rede de bibliotecas (cerca de dezena e meia) distribuída por todas as faculdades, nos quatro polos em que se estrutura a velha cor-

poração. Esta rede precisa de ser valorizada e protegida. Destaco três desafios que se colocam hoje às nossas bibliotecas:

1. Maior coordenação entre si, no sentido da partilha de recursos e experiências, de formação permanente (p. ex., na área do digital) e de capacidade de resposta aos anseios dos utilizadores, aqui incluindo o apoio à investigação e aos estudantes portadores de deficiência. Cabe à BGUC uma responsabilidade especial nesta ação integradora. Dois aspetos urgentes são: uma política de aquisição de livros articulada com a evolução do ensino em cada faculdade; e uma estratégia concertada em matéria de gestão do empréstimo domiciliário, que ajude a travar a perda de muitas de obras por ano.

2. Promoção do livro e da leitura entre os jovens, um dos grandes desafios do nosso tempo. Sabemos que mais de metade dos alunos que procuram as nossas bibliotecas traz os seus próprios materiais de estudo (computadores, apontamentos, ...). Ou seja, os jovens procuram as bibliotecas sobretudo como salas de estudo (aquecidas, iluminadas, confortáveis) e não tanto como depositárias de um saber aberto à descoberta, ao estímulo e ao desafio da nossa curiosidade intelectual. E, no entanto, ler um livro é deambular pelo espaço e pelo tempo, permite deixar de ver o Mundo a preto e branco e ajuda a descobrir, pouco a pouco, a plenitude colorida da sua imensa beleza.

3. Desenvolvimento de atividades culturais de qualidade, que tragam os alunos e o público da cidade até elas, surpreendendo os visitantes com propostas inesperadas, transdisciplinares, ousadas, em vários formatos (tertúlias, exposições itinerantes, cursos livres, visitas...) que liguem a escola à realidade e a leitura à vida. Na célebre frase de Séneca: «Non scholae sed vitae discimus» («Aprendemos não para a escola, mas sim para a vida»). As bibliotecas tam-

bém servem para cruzar biombos e para salvar os naufragos da vida e do conhecimento!

Para cumprirem estes objetivos, as bibliotecas da U.C. precisam de muito apoio e investimento. Não é possível esconder as limitações físicas que muitas têm e que estão a conduzir ao esgotamento dos seus depósitos.

A Universidade tem de pensar seriamente nisto, até porque o acondicionamento dos stocks já se está a fazer em situações, por vezes, precárias, comprometendo a boa conservação de obras e de coleções de alto valor patrimonial (além de dificultar a incorporação de novos e valiosos fundos).

Posso, por isso, garantir que os nossos bibliotecários operam pequenos milagres todos os dias; são gente apaixonada pelo que faz e de uma dedicação invulgar. Precisamos de os acompanhar, de os atualizar, de os acarinhar.

Tudo o que fizermos por eles, fá-lo-emos pelo prestígio da U.C., pela qualidade da formação dos nossos jovens e pelo futuro da nossa sociedade.

Como escreveu o meu querido colega e amigo, Doutor João Maria André, num notável texto publicado no Boletim da Biblioteca Geral em 2020:

«As bibliotecas, como casas dos livros, são espaços sagrados. Sagrado não é necessariamente sinónimo de religioso. Significa antes, no seu sentido mais abrangente, tudo o que nos abre para o mistério e que, por isso, se caracteriza por uma atmosfera diferente da que envolve os nossos atos quotidianos. As bibliotecas são espaços sagrados porque os livros são vias de comunicação com o sagrado: com o mistério de nós mesmos e dos outros, com o mistério do mundo, com o mistério do tempo, com o mistério da verdade. (...)».

Assim saibamos preservar, divulgar e potenciar este património maravilhoso e único que a Universidade de Coimbra se orgulha de possuir. ●

FUNDO GAMA MENDES

José Reis — FEUC

A busca serena de um conhecimento feliz

A biblioteca de António Gama Mendes, que a FEUC adquiriu e vai pondo à nossa disposição, era uma das muitas felicidades deste homem feliz e carinhoso.

Os 11771 livros e os 378 títulos de revistas formavam um dos mapas do seu território intelectual, dos seus afetos, dos múltiplos interesses de um universitário que tinha um tempo ilimitado para se conceder e para se dedicar ao essencial: à convivência com os saberes, à sua fruição intensa, à plena partilha do que nisso tudo ele conservava.

De certo modo, esta biblioteca representa o que ele gostaria que a universidade fosse.

António Gama Mendes dedicou a sua vida docente ao departamento de geografia da Faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Mas foi, desde o início, alguém da nossa casa, da Faculdade de Economia, pois encontrou aqui muitos dos seus interesses e da sua vocação interdisciplinar.

Participou das discussões fundadoras sobre o ensino das ciências sociais na FEUC, foi responsável por disciplinas do nosso curriculum, foi investigador do Centro de Estudos Sociais. Foi um dos nossos – nos afetos, na inquietação intelectual, na busca serena de um conhecimento que nos engrandecesse.

Encontramos nos seus livros as marcas e os marcos do seu imenso saber: das várias geografias, à antropologia, à sociologia, à epistemologia, à história ou à economia, estão lá os fundamentos de uma visão do mundo que ele sabia defender.

É uma das mais significativas bibliotecas pessoais de ciências sociais em Portugal, estou certo disso. Representa o conhecimento que um geógrafo muito culto e sensível

quis sempre prosseguir sem se preocupar com o que dominava ou passava superficialmente.

Adivinho que todos os interstícios lá estão, nas línguas que preferia, através de autores particularmente estimados por ele e nas ligações subtis que facilmente nos explicaria.

Esta biblioteca merece ser estudada nos livros que a constituíram, mas também no que é como notabilíssimo testemunho do estabelecimento do pensamento social no nosso país, numa visão ampla e empenhada.

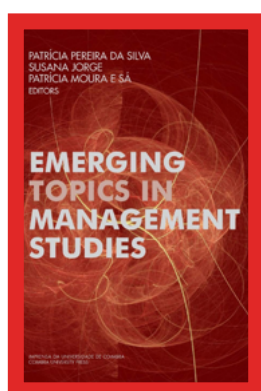
Pela sua dimensão, pela sua amplitude cronológica, pela sua variedade, é seguramente um dos mais relevantes acervos bibliográficos sobre economia social existentes em bibliotecas portuguesas, se não mesmo o mais importante.

Na FEUC, a nossa biblioteca vale muito para toda a universidade pela dimensão, pela amplitude e pela variedade que oferece a cada disciplina e pelos fundamentos que dá às visões interdisciplinares e aos aprofundamentos temáticos.

Mas vale também pelas subtilezas que encerra – as outras línguas neolatinas que, para lá da nossa, complementam o inglês, as expressões singulares que revelam o gosto e a procura fina dos melhores leitores, as surpresas que encantam.

É nas várias bibliotecas pessoais que já temos e que tanto acarinhámos que muitas destas qualidades se encontram. A biblioteca de António Gama Mendes é uma delas, onde encontramos livros e o seu primeiro leitor, o conhecimento e a sensibilidade. ●

DESTAQUES DE LEITURA



EMERGING TOPICS IN MANAGEMENT STUDIES

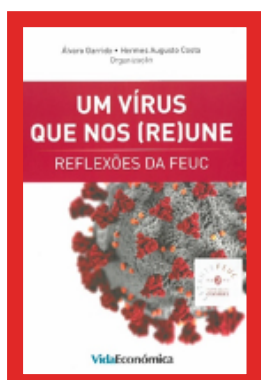
Filipe Almeida — FEUC

*O livro **Emerging Topics in Management Studies** é um convite à urgente reflexão crítica sobre o presente e o futuro, que transcende o campo da gestão técnica ou das suas finalidades mais imediatas.*

Em cada capítulo os autores desafiam o que julgamos saber, provocam dúvidas, instigam a curiosidade e sugerem novos horizontes, mais largos, para a Gestão e não só.

Esta obra coletiva não apenas celebra 30 anos de ensino e investigação da Gestão na FEUC, como é também mais um sinal da rebeldia construtiva de uma Faculdade que insiste na sua vocação colaborativa, na valorização das visões diversas, das ideias partilhadas.

Um livro focado, mas agregador, de um curso aplicado, mas multidisciplinar, numa Escola jovem, mas plural.



UM VÍRUS QUE NOS (RE)UNE

Carlota Quintal — FEUC

*Cabe-me apresentar este **Um Vírus que nos (Re)Une** em poucas linhas, tarefa difícil pelo muito que gostaria de realçar, mas ao mesmo tempo fácil pela possibilidade de encaminhar os leitores para a apresentação, incluída no próprio livro, feita pelos seus organizadores, Álvaro Garrido e Hermes Costa.*

Em cinco páginas explicam a origem desta coletânea de reflexões, o seu conteúdo e o agrupamento dos 42 textos, fruto dos contributos de 49 autores, em secções temáticas: As filosofias do vírus e a condição humana; Vulnerabilidades que acentuam desigualdades; Economia política, crise e finanças; Políticas públicas, saúde e União Europeia; A cidade, riscos e violências; A sociedade digital em construção; Empresas, trabalhadores e indústrias globais; Direitos humanos, solidariedade e alternativas.

O livro reúne olhares diversos sobre uma realidade, a pandemia por Covid-19, que a todos afetou e de certo modo uniu. Termina com oito palavras, todas selecionadas (intuitivamente) de cada uma das oito secções que o compõem – fragilidade, perda, incerteza, urgência, silêncio, disrupção, confiança, liberdades.

Paulo Freire, um dos mais influentes pensadores da educação do século XX, autor da Pedagogia do Oprimido, encarava a educação como parte de um projeto político de libertação da dependência e da opressão, capaz de desenvolver nos estudantes as competências de autorreflexão, autonomia e intervenção crítica que os habilitasse a construir os seus próprios destinos e o bem-estar coletivo.

Freire não via a aprendizagem como um mero meio de preparar os cidadãos para empregos, mas sim como um instrumento que os libertasse das limitações resultantes da sua condição e ignorância e os habilitasse a conquistarem, individual e coletivamente, o seu próprio poder para intervirem no mundo. Não surpreende, por isso, que um dos seus livros mais populares, intitulado *A Importância do Ato de Ler*, se dedique ao papel chave da leitura no contexto desse projeto de libertação.

Para Freire, o ato de ler “não se esgota na descodificação pura da palavra escrita ou da linguagem escrita, mas antecipa-se e alonga-se na inteligência do mundo”. O contexto gera a compreensão do texto, mas a leitura do texto enriquece a compreensão contexto.

Quem não ler em permanência sobre o mundo não será capaz de compreender o mundo e assim intervir na sua transformação. Ficará reduzido a um estatuto marginal, de dependência e eventual opressão, que será tanto maior quanto maior for a sua ignorância.

Infelizmente, as práticas pedagógicas dos nossos dias, ainda prisioneiras do modelo magistral medieval, contribuem de forma capital para desincentivar a leitura.

Ao assentarem na transposição dos textos de referência para a palavra oral do professor, libertam os estudantes do esforço de reflexão autónoma e crítica a que a leitura obrigaria, criando-lhes a convicção de que não é preciso pensar para aprender.

Este regresso a um passado onde, para a educação, o discurso da oralidade dominava o discurso da leitura, agravou-se com a banalização do discurso oral e visual do multimédia, generalizando uma preguiça de pensar que exclui cada vez mais a leitura crítica e reflexiva.

Cada época tem os seus modos de leitura. Na Antiguidade, lia-se em voz alta e estranhava-se a leitura silenciosa. Nos tempos do Iluminismo, censurava-se a leitura criativa e elogiava-se a leitura passiva. No século XVIII, não se via com bons olhos que as mulheres lessem em privado, para que não escapassem pela leitura às restrições moralistas da época. Nos nossos dias, todos os modos de leitura são permitidos e cada um pratica os que quer.

Por outro lado, vemos com esperança que alguns dos jovens que comunicam de forma rudimentar no dia-a-dia conseguem, por vezes, embrenhar-se na mais densa e apaixonada das leituras.

Paradoxalmente, apesar da decadência do cultivo da leitura como atividade nobre e continuada, nunca se leu tanto como hoje, graças às novas formas de leitura, com destaque para as leituras fragmentadas, as leituras hipertextuais e as leituras digitais.

As leituras fragmentadas surgiram com as mensagens curtas da comunicação móvel. As leituras hipertextuais nasceram do recurso às ligações Web, que transformaram os textos lineares em teias de ligações, tanto locais como planetárias.

As leituras digitais resultaram da generalização dos textos em formato digital, quer através de ficheiros PDF, Mobi ou ePub, quer como páginas ou mensagens diretamente legíveis online.

As mensagens curtas integram-se plenamente numa época onde o esforço de pensar se tornou numa imensa maçada. Correspondem em larga medida à faceta superficial e fútil das relações sociais e a muitas das transações acéfalas a que assistimos nas redes sociais.

Em contrapartida, a poderosa orgânica das ligações Web dá hoje acesso a grande parte do saber universal. Para aceder a esse saber, o leitor dos nossos dias tem de ir muito para além da leitura textual tradicional.

Em particular, tem de saber construir e dominar com destreza os sistemas de pesquisa, curadoria, captação e agregação de informação em que assenta o acesso aos inesgotáveis repositórios do saber online.

“

(...)A decadência da leitura profunda gerou a decadência da reflexão crítica. O cidadão dos nossos dias não domina o pensamento crítico porque não aprendeu a construí-lo, autonomamente, pela leitura.

”

Por outras palavras, o leitor dos nossos dias tem de aprender a ler, não apenas para as práticas de leitura do passado, que domina mal, mas também para as práticas de leitura online do presente e do futuro, que parece desconhecer por completo.

O mesmo acontece com as leituras digitais. Um documento digital não é a simples versão digital de um texto em papel. É um ecossistema. Pode ser pesquisado pelo conteúdo, sublinhado, destacado a cores, anotado, rabiscado. Permite que durante a sua leitura se consultem diretamente dicionários, enciclopédias e outros documentos de referência. Pode ser duplicado, lido e anotado em várias versões, com registo de distintas anotações em cada caso.

Permite copiar partes do texto para ambientes onde queiramos trabalhá-las. Pode ser posicionado lado-a-lado com documentos com os quais queiramos confrontá-lo. Pode ser recordado em minutos, anos após a última leitura, graças às anotações que nele deixámos. Pode ser lido às escuras e ajustado em vários dos seus parâmetros, como o tamanho das letras.

Por outro lado, várias aplicações de leitura de documentos digitais, como as do Kindle, constroem automaticamente novos textos a partir das anotações, facultando uma imensidade de novas formas de trabalho.

Nos nossos dias, um universitário que não se movimenta com desenvoltura nestas práticas dificilmente poderá afirmar que sabe ler. Pelo menos, não saberá ler documentos digitais.

A decadência da leitura profunda gerou a decadência da reflexão crítica. O cidadão dos nossos dias não domina o pensamento crítico porque não aprendeu a construí-lo, autonomamente, pela leitura.

Confinado que está às limitações da sua vivência pessoal, fechado às leituras reais e imaginárias que iriam abri-lo para o mundo, não reconhece a imensa diversidade desse mundo nem a complexidade dos sentimentos humanos, que apenas vislumbra pelos padrões da sua limitada convivência do dia-a-dia. E como não aprendeu, pela leitura, a exprimir por palavras a riqueza e diversidade do mundo em que vive, não consegue sequer refletir sobre elas, visto que não há pensamento sem palavras que o sustentem.

A sua incapacidade para ler criticamente o texto e o contexto fecha os seus horizontes e torna-o dependente, manipulável e vulnerável a todas as falsas verdades.

Por todas estas razões, o fator mais crítico da formação universitária dos nossos dias é dominar a Arte da Leitura, nas suas três vertentes. Por um lado, a leitura profunda, ativa e continuada, que herdámos dos nossos antepassados, mas que desaprendemos. Por outro lado, a leitura do inesgotável espaço online, que exige hábitos de pesquisa, curadoria, captação e agregação de informação e gestão de referências.

Um universitário dos nossos dias, perante o computador que o liga à rede, é como um piloto aos comandos do seu avião: com um simples olhar ou movimento de mão tem acesso a uma imensidade de instrumentos que facilitam e enriquecem a sua tarefa.

Finalmente, a arte da leitura digital: ler um documento digital como se fosse em papel, queixando-se de que a sua leitura é inferior, é não reconhecer as virtudes de nenhuma das leituras. É como comparar uma viagem em carruagem de cavalo com uma viagem de automóvel e concluir que a primeira é melhor porque não gasta gasolina. Só aprendendo a ler documentos digitais se poderá tirar partido das suas riquíssimas virtudes. ●

O Mundo precisa de livros porque há mais gente inculta que areia no mar, e o Homem sem instrução é um submisso carneirinho. Os cabo-verdianos devem estudar. Estudante, tu tens de ajudar o nosso Povo – Dá-lhe livros em vez de esmolos. Luís Romano, escritor cabo-verdiano

BIBLIOTECA DA ESCOLA DE NEGÓCIOS E GOVERNAÇÃO DA UNIVERSIDADE DE CABO VERDE



Maria Salomé Miranda — Diretora dos Serviços de Documentação e Edições da Universidade de Cabo Verde

A Biblioteca da ENG pertence a um sistema integrado que engloba todos os núcleos bibliográficos e documentais da Uni-CV que funcionam em rede

A história da Biblioteca da Escola de Negócios e Governação (ENG) da Universidade de Cabo Verde simboliza o esforço do primeiro Governo de Cabo Verde que, sob o signo de país inviável e a necessidade assaz de construir a nação recém-independente, investiu na formação das pessoas como principal motor de desenvolvimento, fazendo jus à assertiva de Luís Romano.

Esta biblioteca resgata, em certa medida, a trajetória do ensino superior no arquipélago, no sentido em que herdou o espólio do Centro de Formação e Administração Pública (CENFA) criado em 1978 onde se ministrou o Curso de Formação Judiciária de nível médio destinado à formação de magistrados judiciais do Ministério Público tendo constituído o primeiro coletivo de juizes, procuradores sub-regionais e solicitadores judiciais cujo labor viria a suprir as necessidades ingentes para o funcionamento da administração pública e para o sistema de justiça em Cabo Verde ¹.

Neste viés, vale sublinhar que um dos primeiros acordos de colaboração com instituições foi estabelecido com a Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra em 1983, através do Convénio Cooperação Pedagógica, Científica e Técnica.

O CENFA evoluiu para o Instituto Nacional de Investigação e Gestão (INAG) 1998 que, por sua vez, integrou-se à Universidade de Cabo Verde, pelo

Decreto-Lei nº 29, de 9 de outubro de 2008 transformando-se na Escola de Negócios e Governação. A Biblioteca da ENG pertence a um sistema integrado que engloba todos os núcleos bibliográficos e documentais da Uni-CV que funcionam em rede, privilegiando os meios desmaterializados e a coordenação com os restantes serviços bibliotecários estatais como a Biblioteca Nacional, a Biblioteca da Assembleia Nacional, o Arquivo Nacional de Cabo Verde e internacionais do qual faz parte a Biblioteca Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, forma a otimizar os seus objetivos de apoio à investigação e à docência.

Reúne um número diversificado de bibliografias das áreas de economia, finanças, gestão, ciências empresariais, marketing, liderança, políticas públicas, direito, diplomacia, relações internacionais e secretariado executivo.

O público mais assíduo são os formandos dos cursos de licenciatura e mestrado e docentes investigadores da ENG, bem como de todas as faculdades e escolas da Uni-CV.

Também atende os utilizadores externos à academia – entidades individuais e coletivas, nacionais e estrangeiras –, que necessitem de aceder aos seus recursos de informação ou obter os seus serviços.

A qualidade de utilizador externo obtém-se após solicitação ao bibliotecário responsável e facultada a respetiva autorização, mediante a inscrição na base de dados de utilizadores.

Compete ao Serviço de Empréstimo assegurar aos utilizadores internos o empréstimo domiciliário do acervo bibliográfico disponível, excetuando-se obras de referências (enciclopédias, dicionários, atlas, etc.), coleções reservadas, exemplar único, obra rara, periódicos, coleções especiais, folhetos, documentos em suporte magnético ou digital (CD, DVD). O regime de empréstimo deve obedecer aos critérios apresentados na tabela abaixo.²

O empréstimo pode ser renovado por igual prazo, desde que o material não esteja reservado por outro usuário; o não cumprimento da devolução dos documentos emprestados no prazo previsto implicará a suspensão automática do usuário pelo dobro do número de dias em atraso; por perda, destruição, parcial ou total, ou extravio da obra emprestada, o usuário deve proceder à reposição de um novo exemplar no período de 30 dias a contar a partir da data do empréstimo do documento; ao final de cada semestre os estudantes, docentes e funcionários que estão em débito com a Biblioteca são notificados para procederem à devolução dos livros emprestados.

Além dos serviços que presta à comunidade académica, a Biblioteca costuma desenvolver atividades de extensão ao ar livre no Terreru di Amizadi ou acolhendo apresentação de temas e tertúlias sobre temas atuais e pertinentes com convidados externos. ●

¹ Vide CARVALHO, M.A.S. *O Ensino Superior em Cabo Verde: Gênesis e desenvolvimento*. Praia: Edições Uni-CV. 2019.

² O regime de empréstimo deve obedecer aos seguintes critérios:

<i>Categorias de Usuário</i>	<i>Quantidade de obras (máximo)</i>	<i>Prazo de empréstimo (dias)</i>
Estudante Licenciatura e CESP	03	05
Docente	04	07
Funcionário	03	05
Estudante de Pós-Graduação	04	07

BASES DE DADOS**BASE SABI**

A SABI - Sistema de Análise de Balanços Ibéricos - do Bureau van Dijk, a Moody's Analytics Company, contém informação empresarial sobre empresas ibéricas, de 2.6 milhões de empresas espanholas e mais de 800.000 empresas portuguesas, excluindo o setor financeiro.

É útil para pesquisar empresas individuais, pesquisar empresas com perfis específicos e efetuar análises financeiras e comerciais.

Que informações contém a SABI?

- Dados financeiros das empresas, em formato detalhado e em formato global para facilitar comparação;
- Histórico de dados com um mínimo de 10 anos;
- Informação sobre a estrutura de propriedade sobre a estrutura de gestão;
- Dados de contacto da empresa e de gestores principais;
- Dados sobre ações de empresas cotadas;
- Estruturas empresariais (grupos) pormenorizadas;
- Notícias de negócios relacionadas com empresas e sobre negócios e rumores de fusões e aquisições;
- Mapas e análise cartográfica;

¹ As Bases de Dados são poderosos recursos de consulta para o estudo e a investigação. A Biblioteca da FEUC conta com um conjunto amplo e variado dessas Bases, acessíveis em terminais dedicados e de acesso disponibilizado pela Bibliotecária. Com a colaboração do colega Paulo Gama, o Mil Folhas inclui neste número a referência à Base SABI.

À CONVERSA SOBRE

Tal como já anteriormente apresentado, as sessões “À ConVersa sobre...” são uma iniciativa do Conselho da Biblioteca da FEUC, com o objetivo de discutir temas atuais com ligação a todas as áreas do conhecimento da FEUC.

A primeira sessão destas ConVersas ocorreu a 26 de novembro e teve como tema a “Responsabilidade”.

Esta iniciativa contou com a participação de António Casimiro Ferreira (FEUC/CES), Filipe Almeida (Estrutura de Missão Portugal Inovação Social, FEUC/CES), Susana Peralta (NOVA SBE) e Teresa Almeida

Cravo (FEUC/CES). — Disponível em: <https://youtu.be/Q9P18f6TYVE>

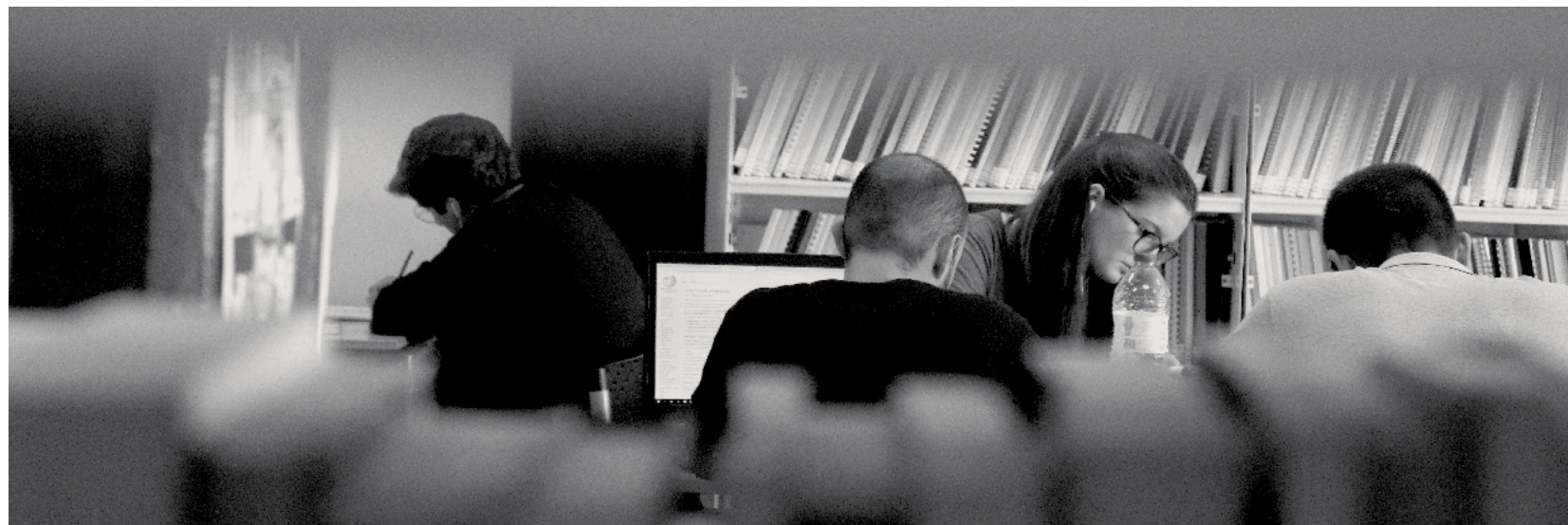
Mais recentemente, a segunda “À ConVersa sobre...”, dedicada ao tema da “Automação” ocorreu a 11 de fevereiro e contou com a participação de Ana Paula Marques (Universidade do Minho), André Saramago (FEUC), António Portugal (FEUC) e Hermes Costa (FEUC).

A 18 de março e a 13 de maio terão lugar mais duas ConVersas. A próxima sobre “As Emoções” e a seguinte sobre o tema da “Inclusão”

ESTANTE FEUC

Referida a livros de autoria ou editados por docentes da FEUC a Estante Feuc assinala, com chancela própria, os últimos daqueles títulos registados no espólio da Biblioteca.

O MIL FOLHAS felicita os autores/ editores dos últimos 14 títulos que passam a constar da Estante FEUC, desde outubro último.

**QUE BIBLIOTECA É ESTA? FALAM OS UTILIZADORES**

O que valoriza mais na preferência dada à biblioteca da feuc?

Ana Luísa Grilo, FDUC

A biblioteca responde, em geral, às minhas expectativas. A única coisa que posso apontar é em relação ao horário, o poderia alargar-se, pelo menos, até às oito da noite. Venho todos os dias da semana para a biblioteca, porque, além de gostar do ambiente, prefiro estudar fora de casa. (...) Fulgo é que as cancelas podiam ser evitáveis, na medida em que não vejo a sua utilidade.

Maria Margarida Marques, FEUC – Gestão

Ambas as salas principais são muito acolhedoras e propícias a um bom ambiente de estudo, não só pelo seu tamanho, mas também por serem espaços aquecidos e onde os utilizadores respeitam sempre o silêncio, ao contrário do que acontece noutros locais.

Phillip Gauger, Julius-Maximilians Universität, Würzburg

I normally always study in the library in Germany. I like the quiet atmosphere and that I can see other people studying as well, which encourages me to be more productive and have better focus on what I have to do. Further I like the one in FEUC because it gives me the opportunity to take a break in the FEUC cantine, which I really enjoy.

Tiago Alves, FMUC

A simpatia e prestabilidade dos funcionários é um fator que contribui para o bom funcionamento desta Biblioteca. (...) O cuidado com as normas de segurança, higienização e climatização atendendo ao contexto pandémico em que vivemos assume-se como um fator determinante para que a Biblioteca da FEUC responda às expectativas da comunidade académica.

² Abrimos esta nova rubrica com a intenção de dar a conhecer depoimentos breves de utentes da Biblioteca, recolhidos pela colega Cristela Bairrada.

EM MOVIMENTO

NA BIBLIOTECA – INICIATIVAS
E DESTAQUES DO CONSELHO
DA BIBLIOTECA

No âmbito da iniciativa “Na Biblioteca – Iniciativas e Destaques”, por intermédio de imagem e som, o Conselho da Biblioteca (CB) divulga as suas atividades no âmbito da Biblioteca da FEUC. Esta informação é disponibilizada em loop e revista periodicamente.

O objetivo da iniciativa é convidar à reflexão e à leitura. Para o efeito, divulgam-se as atividades organizadas pelo CB (MIL FOLHAS, À ConVersa Sobre...) e a oferta bibliográfica mais recente do corpo docente da FEUC (identificada com o selo “Estante FEUC”).

Paralelamente, disponibiliza-se um conjunto de vídeos temáticos recentes. No momento, estão a ser partilhados os seguintes vídeos.

VÍDEOS TEMÁTICOS

Desigualdade atinge mais de 70% da população global - ONU News
Duração: 0:00:50

Covid-19 - How it will change the world - The Economist
Duração: 0:12:57

Covid-19 - what you need to know about the second wave - The Economist - **Duração:** 0:10:18

Covid-19 - why the economy could fare worse than you think - The Economist - **Duração:** 0:08:46

How cash is becoming a thing of the past - DW Documentary
Duração: 0:42:25

Regresso à UC em segurança
Universidade de Coimbra
Duração: 0:02:33

The economic impact of COVID-19
Center for Economic Policy Research
Duração: 0:14:34

*The New Rules of 21st Century
Passion Economy*
World Affairs - **Duração:** 1:04:23

Will Germany's car industry survive
DW Documentary - **Duração:** 0:28:24

Launch of the 2020 World Social Report
UN Department of Economic and Social Affairs (DESA)
Duração: 0:34:11

Can conservation save our ocean?
The Economist - **Duração:** 0:27:04

*Getting From Business Idea to
o Business Model*
Strategyzer - **Duração:** 0:02:12

Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra, Av. Dias da Silva, 165, 3004-512 Coimbra — uc.pif/feuc — +351 239 790 500
Contactos Biblioteca +351 239 790 504 — Fax +351 239 403 511 — biblioteca@fe.uc.pt — Serviço de referência: eib.feuc@fe.uc.pt
Facebook /Faculdade Economia Universidade de Coimbra — Instagram/feuc_faculdade_economia — https://www.facebook.com/FEUCBiblioteca
Design Editorial: Duplo Network / Fotografia de Capa Pedro Medeiros, Fotografia da Página 7 Ana Raquel Rodrigues — FEUC

SUGESTÕES
DE LEITURA

[308 MAN]

MANZINI, EZIO -
DESIGN, WHEN
EVERYBODY
DESIGNS

Patricia Moura e Sá
— FEUC

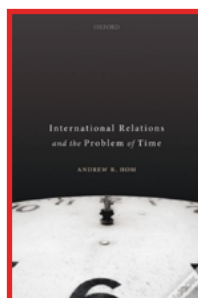
Encontrar respostas para os problemas das sociedades contemporâneas exige romper fronteiras entre áreas funcionais e/ou disciplinares e mobilizar as ideias e os saberes de todos.

Neste livro, de interesse para estudantes e académicos de qualquer área, mas também para gestores e decisores políticos, Ezio Manzini apresenta os pilares que entende serem fundamentais para uma estratégia que promova a sustentabilidade e a resiliência baseadas na inovação social.

Ao longo dos vários capítulos, o autor vai mostrando, com exemplos de diferentes geografias, como no design as componentes técnicas e tecnológicas são indissociáveis das componentes culturais.

Design, When Everybody Designs revela como o design pode ser uma poderosa abordagem de resolução de problemas (*problem solving*) e de atribuição de sentido (*sense making*) para as ações e iniciativas que vão sendo concretizadas.

[327 HOM]

INTERNATIONAL
RELATIONS
AND THE
PROBLEM
OF TIME

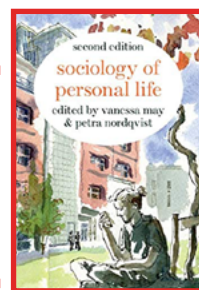
Bernardo Fazendeiro
— FEUC

A questão de como apreender o tempo afeta toda a área das Relações Internacionais (RI). Com base no pensamento de Norbert Elias, o livro indaga como diferentes abordagens teóricas ordenam a cronologia e lidam com a questão de imprevisibilidade.

Andrew Hom argumenta que, na sequência de (ou das) mudanças políticas e sociais, analistas adaptam pressupostos temporais – sobre os efeitos do passado no presente e, eventualmente, (para) sobre o futuro – de modo a conciliar novidades com uma grelha conceptual.

O livro é de leitura essencial para quem se interesse pelas raízes filosóficas e os efeitos epistemológicos das teorias das RI.

[316.7 SOC]

SOCIOLOGY
OF PERSONAL
LIFE

Silvia Portugal
— FEUC

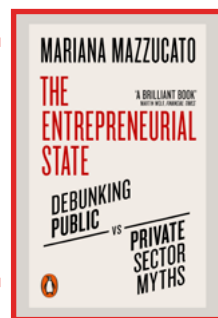
Para as editoras deste livro, a Sociologia da Vida Pessoal diz respeito à procura do que há de sociológico na vida de cada um/a, ou seja, o que a vida pessoal dos indivíduos diz acerca da sociedade em geral.

Ao longo de 13 capítulos, que congregam temas como o corpo, a sexualidade, as relações de parentesco e amizade, os consumos culturais, as materialidades, as casas e os objectos, esta obra mostra como a multiplicidade de dimensões da vida pessoal, tradicionalmente “recortadas” por disciplinas e subdisciplinas da Sociologia (da Família, do Curso de Vida, do Corpo, do Consumo) se entrecruzam.

O conjunto de textos explora as relações entre experiências pessoais e fenómenos sociais mais amplos, questionando as tradicionais fronteiras definidas nos manuais clássicos.

As abordagens a partir da “vida pessoal” desafiam as “teses da individualização” e da “des-tradicionalização”, oferecendo importantes contributos para uma concepção relacional do indivíduo e da sua construção identitária e revelando os laços intrínsecos entre o individual e o social no domínio do público e do privado.

[336.12 MAS]

THE
ENTREPRE-
NEURIAL
STATE

Luis Peres Lopes
— FEUC

Mariano Mazzucato defende ser necessário “construir uma teoria do papel do Estado na formação e criação de mercados”. Para tanto, discute o papel do Estado na Economia, em particular como o promotor de um crescimento de longo prazo e um dinamizador de processos de inovação e de difusão dos avanços tecnológicos.

Estes objetivos pressupõem investimentos em atividades que são geralmente de risco e de horizontes temporais bem mais longos do que aqueles em que os mercados, com o seu “curto-termismo”, estão interessados em investir.

A realização destes objectivos e desses investimentos poderá e deverá ser assumida pelo Estado, o que para Mazzucato tem de facto acontecido, dando exemplos de tecnologia ou de empresas que se desenvolveram pela intervenção de um Estado Empreendedor, como sejam, respetivamente, a internet ou a Apple.